

À MESCLAGEM CONCEPTUAL, PELOS NOSSOS HERÓIS E VILÕES!: METAFORIZANDO MUSK E MORAES NO TWITTER/X

CONCEPTUAL BLENDING THROUGH OUR HEROES AND VILLAINS: METAPHORIZING MUSK AND MORAES ON TWITTER/ X

DOI: 10.70860/ufnt.entreletras.e19550

Paulo Handerson Rodrigues Mota¹

Resumo: O presente artigo propõe analisar as expressões linguísticas e memes produzidos pela direita e extrema-direita para conceptualizar a disputa judicial travada entre o ministro do STF, Alexandre de Moraes, e o CEO do X, Elon Musk. Para tanto, dialogamos com a Teoria dos Espaços Mentais, de Fauconnier e Turner (2002); com a Semântica de *Frames*, de Fillmore (2006) e; com os estudos sobre o binômio discursivo Nós/Eles, de van Dijk (2006). Nas metáforas analisadas, figuras emblemáticas da cultura *pop* operaram como base recorrente na construção de sentidos e na avaliação dos participantes envolvidos na disputa entre STF e X.

Palavras-chave: mesclagem conceptual; metáforas; ideologia; espaços mentais; herói *versus* vilão.

Abstract: This article aims to analyze the linguistic expressions and memes produced by the right and extreme right to conceptualize the legal dispute between STF Minister Alexandre de Moraes and X CEO Elon Musk. Therefore, we dialogue with Fauconnier and Turner's Theory of Mental Spaces (2002), Fillmore's Semantics of Frames (2006) and van Dijk's studies on the discursive binomial Us/Them (2006). In the metaphors analyzed, emblematic figures from pop culture operated as a recurring basis in the construction of meanings and in the evaluation of the participants involved in the dispute between STF and X.

Keywords: conceptual blending; metaphors; ideology; mental spaces; hero versus villain.

Introdução

O discurso ocupa uma posição fundamental na maioria das abordagens teórico-metodológicas da língua, pois é o nível em que toda a potencialidade e complexidade linguística se materializa. Para a Linguística Cognitiva, o discurso não perfilaria posição diferente, principalmente, dado o seu caráter decisivo na construção mútua de significados pelos interlocutores (Langacker, 2008).

¹ Mestrando em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Federal do Ceará (UFC), graduado em Letras Português e Francês e suas respectivas literaturas pela mesma instituição. E-mail: phanderson@alu.ufc.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-4434-1308>.

O significado no discurso é uma construção mútua entre falantes e baseia-se nos conhecimentos compartilhados, nos objetivos comunicativos do enunciador, nas suas intenções. Em suma, uma negociação entre os participantes (Langacker, 2008). Suas intenções são captadas discursivamente, a posição que ocupam é apreendida linguística ou imagetivamente, mas são estruturadas a partir das ideologias dos interlocutores (Hart, 2014). A gramática de uma língua, então, é um amplo inventário de formas linguísticas que possibilita conceptualizar uma mesma situação de maneiras ou perspectivas diferentes no discurso, veiculando nosso ponto de vista de maneira explícita ou implícita (Hart, 2014).

Neste contexto, o presente trabalho busca investigar os processos cognitivos de mapeamento entre domínios e de projeção envolvidos na elaboração de metáforas que constroem, em termos de vilões e de heróis, a disputa judicial travada entre o atual ministro do Supremo Tribunal Federal, Alexandre de Moraes, e o CEO da rede social X outrora Twitter, Elon Musk. Para tal, considerou-se a metáfora como produto da mesclagem conceptual e foram buscadas expressões linguísticas e memes produzidos pela direita e extrema-direita que metaforizassem a disputa judicial ou seus participantes. Além disso, objetiva-se analisar qual a imagem que os produtores destas metáforas constroem de si mesmos nessas construções.

Para a realização da análise dos processos cognitivos, conta-se com as contribuições de Fauconnier e Turner (2002) sobre espaços mentais, dialogando com os pressupostos de Fillmore (2006) sobre a semântica de *frames* e com os Modelos Cognitivos Idealizados de Lakoff (1987), visto que a relação entre os *frames*/MCIs e os espaços mentais é de natureza constitutiva. Acerca da posição que os interlocutores ocupam na cena conceptualizada, parte-se do estudos sobre ideologia, discurso e gramática empreendido por Hart (2014) e das proposições sobre o binômio discursivo Nós/Eles de van Dijk (2006), em especial, sobre normas e valores e a avaliação positiva/negativa do Outro.

O artigo organiza-se, após a introdução, com a apresentação dos referenciais teóricos e dos conceitos que fundamentaram as análises empreendidas neste trabalho em duas seções seguidas que discutirão o processo de mesclagem conceptual e a esfera do discurso. Dedicase uma seção para apresentar um panorama breve dos ataques e do processo judicial envolvendo Alexandre de Moraes e Elon Musk, seguida de uma seção em que se apresenta a metodologia empreendida neste trabalho. Por fim, segue-se com a análise dos itens encontrados, dialogando com as teorias supracitadas e dedica-se um espaço ao final do trabalho para apresentar algumas considerações a respeito do que fora observado.

1 A mesclagem conceptual e a metáfora

Enquanto atividade mental, a mesclagem conceptual é uma operação cognitiva das mais básicas e basilares. Imaginativa, complexa e invisível, a mesclagem conceptual está presente nos pensamentos mais triviais e nos mais complexos, operando nos bastidores da construção de sentidos (Fauconnier; Turner, 2002). A mesclagem surge da necessidade humana de integrar múltiplos eventos, de agrupá-los em uma só unidade a partir de suas similitudes.

Em breve síntese do que é a mesclagem ou integração conceptual, Ferrari (2018, p. 120) afirma que se trata de “uma operação através da qual se estabelece projeção parcial entre dois espaços iniciais (*Input 1* e *Input 2*), que permite uma correspondência entre elementos análogos”. A integração seria, então, a conexão de elementos análogos, de contrapartes em domínios diferentes, sendo orientada por suas relações de semelhança.

Os domínios se referem aos espaços mentais, conceito que encabeceia a Teoria dos Espaços Mentais, criada por Fauconnier e Turner (2002). Os autores os definem como pacotes conceituais que o falante constrói à medida em que fala, pensa e interage com o contexto pragmático da enunciação. Como dependem da apreensão de elementos compositivos desse contexto enunciativo, Fauconnier e Turner (2002, p. 40) afirmam que “os espaços mentais são muito parciais”, pois nem todos os elementos serão apreendidos tampouco os mesmos elementos serão apreendidos igualmente por todos os falantes. Uma vez que espaços mentais são construídos durante o discurso, estão subordinados também ao caráter ideológico da língua, mais especificamente, do falante (Hart, 2014).

Fauconnier e Turner (2002) propõem uma organização visual de como se dá a mesclagem conceptual entre espaços mentais, adicionando outros dois novos espaços importantes: o espaço genérico e o espaço-mescla².

² Adotamos a tradução do termo “blended space”, de Ferrari (2018).

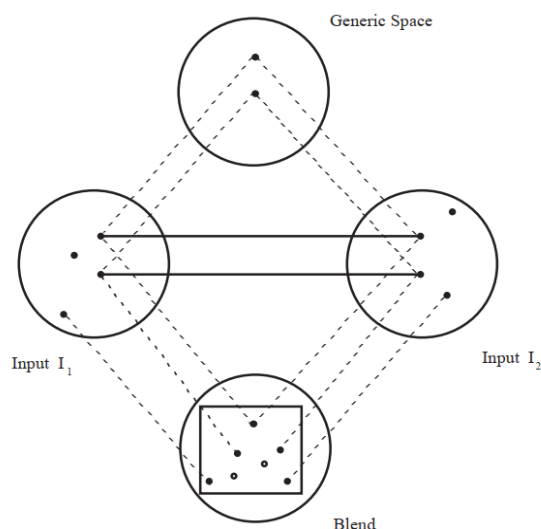


Figura 1: Diagrama de mesclagem conceitual
Fonte: Fauconnier e Turner (2002, p. 49)

O espaço genérico, como o nome sugere, é uma estrutura frequentemente abstrata que é compartilhada pelos dois *inputs*, é algo em comum nos dois domínios (Fauconnier, 1997). Como o diagrama explicita, é o espaço genérico que licencia os espaços mentais envolvidos na mesclagem conceitual, estabelecendo a conexão central entre eles.

O espaço-mescla, o produto da mesclagem conceitual, é um espaço para o qual “a estrutura das duas entradas dos espaços mentais é projetada” (Fauconnier, Turner, 2002, p. 47). O espaço-mescla não recebe apenas a projeção de elementos dotados de contraparte, mas também de elementos que não estabelecem conexões entre domínios, por isso, a estrutura que emerge no espaço-mescla não é cópia fiel dos espaços mentais anteriores (Fauconnier, 1997, Fauconnier; Turner, 2002). A estrutura criada é própria do espaço-mescla.

Com este espaço novo criado, as informações veiculadas são de infinitas possibilidades. Ferrari (2018, p. 109) enumera que, com a mescla, nós “falamos de passado e do futuro, de lugares distantes, de hipóteses, de arte e de literatura e também de cenários que só existem em nossa imaginação”. Dentre as possibilidades subentendidas, subjacentes à imaginação, temos a metáfora.

Por metáfora, Lakoff e Johnson (1980) querem dizer uma forma de compreender uma coisa por intermédio de outra. Para fins de exemplificação, os autores apresentam a metáfora do ARGUMENTO É GUERRA em que se entende a atividade argumentativa em termos de disputa bélica (Lakoff; Johnson, 1980). A mescla em que a metáfora se manifesta, como visto anteriormente, possuirá uma estrutura própria que emergirá de sua aplicação discursiva, não

tendo correlação direta com as partes envolvidas na sua produção. Lakoff e Johnson (1980, p. 10, tradução nossa) argumentam que “a própria sistematicidade que nos permite compreender um aspecto de um conceito em termos de outro [...] irá necessariamente ocultar outros aspectos do conceito”, o que está em consonância com as proposições de Fauconnier e Turner (2002).

Para entender ARGUMENTO É GUERRA, a atividade de construção da argumentação entre os envolvidos é posta de lado à medida em que a disputa entre duas entidades/indivíduos se sobressai, pois, para o contexto pragmático-discursivo em destaque, é dispensável falar da cooperação dialogal (Lakoff; Johnson, 1980). Isso significa que nem todos os elementos dos espaços mentais envolvidos na metáfora supracitada foram projetados para a mescla: aqueles conectados com suas contrapartes foram, já os elementos sem contraparte ou não foram projetados — nos termos de Lakoff e Johnson, ficaram escondidos — ou foram projetados mesmo sem contraparte.

Ao fim deste processo árduo, porém rápido e invisível, temos uma mescla que conceptualiza uma ideia sob uma nova perspectiva. Na subseção a seguir, buscaremos encerrar formalmente a apresentação da mesclagem conceptual, trazendo com um pouco mais de detalhamento os elementos que compõem os espaços mentais, tirando-os de uma caracterização genérica e dando-lhes uma identidade mais formalizada.

1.1 *Frames*

Falar de mesclagem conceptual, de espaços mentais, de projeção inter-domínios implica discutir sobre *frame(s)*. Fauconnier (1994, 1997) e Fauconnier e Turner (2002) tratam do *frame* como uma peça crucial na estruturação interna do espaço mental, bem como o elemento projetado entre espaços à nível externo.

Conceitualmente, Fillmore (2006, p. 373) define o *frame* como “um sistema de conceitos relacionados de tal forma que, para compreender qualquer um deles, é necessário compreender toda a estrutura em que se insere”. Portanto, compreender a significação de um item lexical não é apenas a recuperação de *frames* que o compõem, mas também a ativação dos *frames* adequados à situação pragmática, considerando toda a questão física, social e cultural em que ela se insere. Sendo assim, “o significado das palavras é subordinado a *frames*” (Ferrari, 2018, p. 50).

Para elucidar esta relação intrínseca entre significado e *frame*, Fillmore (2006, p. 381) lança mão da expressão “fim de semana”: seu significado e sua relevância existe,

especialmente, em culturas onde o calendário semanal compreende sete dias corridos dos quais cinco são dedicados ao trabalho e dois reservados ao descanso. São essas propriedades conceituais que constroem o significado dos itens lexicais.

Esses conhecimentos não se apresentam materialmente, mas são recrutados durante o ato comunicativo e são eles que viabilizam a compreensão do significado de uma expressão. Fillmore (2006) é categórico ao afirmar que o significado das palavras é estruturado pelos *frames* e, quando está sendo usada em dado contexto, a palavra os chama. Além disso, quando se enuncia uma palavra ou conjunto de palavras e se evoca um *frame*, todos os demais *frames* que compõem o significado dos itens lexicais se tornam acessíveis cognitivamente e atuarão, em algum nível, na estruturação do significado no discurso, a considerar o contexto em que se manifesta (Fillmore, 2006; Hart, 2014).

1.2 Modelos Cognitivos Idealizados

Outra peça estruturante dos espaços mentais segundo Fauconnier e Turner (2002) são os Modelos Cognitivos Idealizados, doravante MCIs (Lakoff, 1987), do qual a metáfora citada na seção 1 e o *frame* da seção 1.1 fazem parte. São estruturas sociais, culturais e físicas de natureza complexa que subjazem e organizam a cognição humana.

Existem quatro tipos de modelos cognitivos idealizados: o proposicional, o esquema-imagético, o metafórico, o metonímico e o simbólico. Lakoff (1987) os distingue quanto às suas funções dentro de nossa capacidade de conceptualização. Segundo o cognitivista, “modelos proposicionais e esquema-imagéticos caracterizam a estrutura; modelos metafóricos e metonímicos caracterizam mapeamentos que fazem uso de modelos estruturais” (Lakoff, 1987, p. 154, tradução nossa). Estes quatro MCI’s são caracterizados de maneira puramente conceptual, não havendo traços provenientes de nenhuma língua. Contudo, quando essas estruturas conceptuais dos MCI’s são associadas a elementos linguísticos, produz-se um modelo cognitivo simbólico (Lakoff, 1987).

Marinho e Ferrari (2016) apontam que a estrutura proposicional, um dos MCIs de Lakoff, não se difere muito dos *frames* de Fillmore, referindo-se, portanto, às propriedades estruturais do significado semântico. São apenas de natureza mais complexa. Lakoff (1987) usa também o exemplo de “fim de semana”, mas acrescenta considerações estruturais mais profundas como a inexistência da semana na natureza objetiva, sendo esta uma criação cultural humana, a base da semana ser o movimento de alternância entre sol e lua, a elaboração de um

calendário cíclico com dias de trabalho e de repouso e o estabelecimento de quais dias são dedicados a cada atividade.

A noção de esquema presente na constituição do MCI esquema-imagético baseia-se nos estudos desenvolvidos por Langacker na gramática cognitiva. Langacker (2008, p. 17, tradução nossa) afirma que a esquematização é “o processo de extração dos pontos em comum inerentes a múltiplas experiências para chegar a uma concepção que representa um nível alto de abstração”. Sendo assim, o esquema ao qual se refere o modelo cognitivo é esta abstração que chega a experiências mais corporais, por exemplo, CIMA-BAIXO ou PARTE-TODO.

Os modelos cognitivos metafóricos não diferem do conceito de metáfora introduzido na seção 1. A compreensão de um item em termos de outro ainda está no centro deste MCI e se vale das estruturas do modelo esquema-imagético para construir significados. Lakoff e Johnson (1980), por exemplo, apresentam algumas das metáforas da vida cotidiana que tomam como base esquemas como FORTE É PARA CIMA e FRACO É PARA BAIXO.

A distinção entre o MCI metafórico e o metonímico diz respeito aos domínios: enquanto a metáfora envolve dois domínios, um fonte e um alvo, o metonímico ocorre em apenas um onde o membro de uma categoria é representante dela (Lakoff, 1987).

Por fim, como já foi dito, o modelo cognitivo simbólico refere-se a esta relação entre estruturas conceptuais e estruturas linguísticas (Lakoff, 1987). A natureza dessa relação está, inclusive, na base da gramática cognitiva de Langacker (2008), visto que a gramática é entendida como simbólica. Por simbólica, Langacker (2008) compreende como o pareamento entre uma forma fonológica e um significado, isto é, um estrutura conceptual no MCI' s.

2 Discurso e ideologia

Definir o discurso como a língua em uso, grosso modo, é suficiente para explicá-lo. Todavia, entendê-lo com mais aprofundamento nos permite captar suas nuances cognitivistas em torno do conceito. Langacker (2008) faz uso desta facilitação explicativa que abre o parágrafo, mas introduz os eventos de uso como constituintes do discurso. Estes seriam, nas palavras do cognitivista, “instâncias do uso da língua em todas a sua complexidade e especificidades” (Langacker, 2008, p. 457, tradução nossa), isto é, situações pragmático-discursivos em que determinada utilização da língua se manifesta.

Na esfera do discurso, apreendem-se as formas pelas quais as coisas são interpretadas, ou mesmo, conceptualizadas pelo falante, isto é, depara-se com as ideologias que estão na base

da produção discursiva (Hart, 2014). Nessas condições, a visão de mundo do usuário da língua atravessa todo esse processo cognitivo e influencia diretamente como ele lê e escreve um texto, tanto quanto como ele pensa ou fala sobre/de algo (van Dijk, 2006). Da escolha de palavras negativas às comparações e generalizações, o interlocutor constrói e reconstrói seu objeto discursivo de maneira a revesti-lo com valores negativos ou positivos (Vereza; Vieira, 2012).

Hart (2014) afirma que a interface entre discurso-ideologia atua ativamente na construção da cena de uma situação e dos papéis desempenhados pelos participantes dessa cena. Por papéis dos participantes na cena, o autor refere-se ao que Van Dijk (2006) propusera quando introduziu na dinâmica discursiva-ideológica o par Nós *versus* Eles. Este binômio fundamenta-se nas crenças e ideais dos falantes, que se compreendem como o “Nós” e, por consequência, dão destaque para seus valores, ditam o que é certo e o que é errado, o bom e o ruim. O “Eles” aparece como uma figura que se opõe diretamente aos valores do “Nós” e quando os fere, passa a ser conceptualizado negativamente, por vezes, assumindo um viés anti-democrático, ditatorial ou, em situações mais comuns, ignóbil (Van Dijk, 2006).

A fim de construir as imagens do “Nós” ou do “Eles”, a metáfora atua como um recurso discursivo estratégico. Vereza e Vieira (2012) argumentam que, a partir de metáforas, as palavras imprimiriam valorações positivas ou negativas sobre o objeto discursivo a ser (re)construído para o ouvinte, revelando, assim, os posicionamentos do falante a respeito do objeto. Ao considerar a metáfora como um modo de compreender um conceito por meio de outro (Lakoff; Johnson, 1980) e como fruto de processos de mesclagem conceptual (Fauconnier; Turner, 2002), torna-se fundamental observar quais *frames* são ativados nos espaços mentais e de que maneira eles se projetam uns sobre os outros. É dessa mescla que emergem os valores do enunciador, sua construção ideológica da cena e seu posicionamento na polarização Nós *versus* Eles.

3 A disputa judicial entre Alexandre de Moraes e Elon Musk

Souza e Grecchi (2024), para fins jornalísticos, produziram uma matéria em que delineiam uma linha do tempo com as ações legais e as interações virtuais que antecederam a queda da rede social X. Os meses de abril e agosto de 2024 foram marcados pela disputa judicial travada entre o ministro do STF, Alexandre de Moraes, e o CEO do X, Elon Musk. No começo de abril, o jornalista estadunidense Michael Shellenberger, via *thread* no X, realizou uma série de denúncias, amparadas por documentos, contra Alexandre de Moraes, apontando

violações de dados pessoais de usuários e cerceamento da liberdade de expressão de apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro praticados pelo ministro.

Com estas denúncias, o CEO da rede social X interveio, interpelando Moraes em sua conta pessoal e questionando a razão de tanta censura no Brasil. Musk seguiu levantando questionamentos sobre o bloqueio das contas, ameaçando desbloqueá-las e informando aos usuários do X sobre as ameaças de prisão feitas contra os funcionários da rede social. Musk ainda afirmou que essas ações o levariam a retirar o escritório da rede social do Brasil. Nos dias seguintes, Musk segue em uma série de ataques ao ministro Alexandre de Moraes.

Ainda em abril, Moraes adiciona Musk ao inquérito das milícias digitais, investigação que busca apurar a participação de grupos criminosos nas redes sociais, disseminando *fake news* a fim de influenciar o processo político no país. Souza e Grecchi (2024) destacam que Moraes ainda adicionou o CEO a um novo processo por descumprimento das ações legais de bloqueio de contas.

Apenas em agosto, o assunto é retomado quando, por fechamento do escritório da rede social do Brasil, Musk é impelido por Moraes a nomear um novo representante da rede social, apoiando-se no Marco Civil da Internet que obriga empresas que trabalham com dados dos usuários do território brasileiro a terem um representante legal no país (Souza; Grecchi, 2024). Por falta de cumprimento desta nova ordem, a rede social X foi suspensa em todo o território nacional ao final do mês de agosto.

4 Metodologia

A análise desenvolvida nas subseções a seguir se debruça sobre itens lexicais e imagéticos encontrados na postagem de Elon Musk, na rede social X, do dia 7 de abril de 2024. Aplicou-se metodologia análoga àquela utilizada por Marinho e Ferrari (2016) em que o objeto analisado enquanto produto da mesclagem conceptual é destrinchado, representado em diagramas, evidenciando-se quais processos cognitivos são realizados e quais elementos são convocados para compor a nova forma criada. Similarmente, foram analisados os itens identificados no *post* de Elon Musk, representando visualmente os espaços mentais envolvidos na produção do espaço-mescla e descortinando a rede de conexões de contrapartes e projeções inter-domínios que o produzem. Além disso, foram analisados os conceitos empreendidos nas conexões e como eles fundamentam os espaços mentais.

Para tal, os conceitos de Espaços Mentais, de Fauconnier e Turner (2002); de *frames*, de Fillmore (2006) e; de MCIs, de Lakoff (1987) foram utilizados para a discussão desenvolvida referente à estrutura interna dos espaços mentais e das projeções. Os pressupostos sobre normas, valores e a oposição Nós x Eles, de Van Dijk (2006) compuseram a análise na medida em que se busca apreender qual o posicionamento do interlocutor na cena e como sua posição baliza a sua interpretação e sua produção de itens.

5 Análise

5.1 Alexandre de Moraes conceptualizado como vilão

Começamos com as expressões Darth Vader do Brasil³ (1) e Voldemort do Brasil (2), usadas respectivamente nas figuras 2 e 4, a seguir. Ambas as expressões são mesclas que conceptualizam a imagem do ministro do Supremo Tribunal Federal como uma figura vilanesca. Para tal, a escolha dos *frames* que ocupam o *Input 1*, o espaço mental pelo qual compreenderemos metaforicamente Alexandre de Moraes, é ideológica e direciona um tipo de interpretação para o interlocutor em relação ao ministro, bem como sobre o que pensar a respeito de suas ações (Hart, 2014).

Na expressão (1), Darth Vader ocupa o *Input 1* como o antagonista principal da saga cinematográfica *Star Wars*. Metaforicamente, é através desta escolha que compreenderemos a figura de Alexandre de Moraes.

³ Darth Vader do Brasil é a tradução adotada pelos veículos midiáticos brasileiros Terra, O Antagonista, Poder 360 e Revista Oeste. Em razão desta tradução, Voldemort do Brasil foi traduzido de maneira similar, pois sua elaboração foi realizada em língua inglesa (Figura 4).



Figura 2: Tweet de Elon Musk em resposta a usuária da rede social X
Fonte: X

O espaço genérico se estrutura a partir da experiência visual humana e, por esta razão, licencia a presença de Darth Vader e de Alexandre de Moraes nos *Inputs 1* e *2*, respectivamente: a armadura preta, característica do vilão da saga *Star Wars*, possui detalhes análogos à toga utilizada pelo ministro do STF, como a cor preta da vestimenta e a presença do que parece ser uma capa. A figura 3, a seguir, mostra a rede mínima da mesclagem:

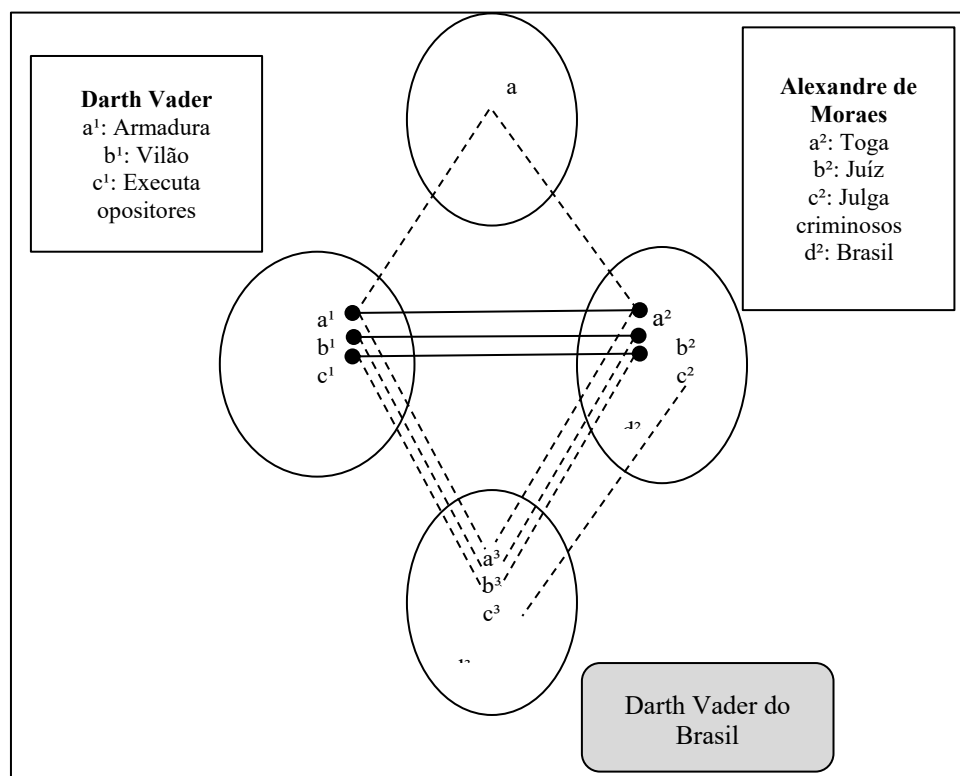


Figura 3: Diagrama da mesclagem conceitual da expressão (1)

Fonte: Elaboração do autor, Fortaleza, 2024.

Uma vez estabelecida essa conexão inicial entre os *frames* de Vader e de Moraes, outros elementos participam diretamente na construção da imagem do ministro como um antagonista no espaço-mescla. Os elementos b^1 e b^2 nos *Inputs* não possuem semelhanças inerentes, mas são conceptualizados como obstáculos, pois, no contexto cinematográfico, o vilão antagoniza as ações do protagonista enquanto, no domínio jurídico, o juiz aplica as leis que fazem frente a ações julgadas criminosas pela constituição. Ainda que não haja realização material, a escolha de um antagonista para ocupar o primeiro *Input* implica a existência de um protagonista, cujos valores serão atacados pelo vilão — a emergência do binômio Nós/Eles de van Dijk (2006). Recordar-se que os valores de “Nós” são centralizados como a norma a ser seguida, e o “Eles” se apresenta como um violador desta norma, então, no contexto da expressão (1), o “Nós” pode ser preenchido por “bolsonaristas”, ou mesmo, por “Elon Musk” enquanto o “Eles” é ocupado por Alexandre de Moraes.

Em c^3 , temos uma imagem evocada no espaço-mescla que não é fundamentada exclusivamente na execução de opositores, c^1 , visto que em território brasileiro, não há leis de pena de morte. No entanto, a construção desta figura ditatorial de Moraes depende da fusão das

ideias de oposição em c^1 ao processo legal de julgamento e de prisão, amparado por lei, em c^2 . No espaço-mescla, há a utilização do aparelho judicial para perseguir opositores, cerceando sua liberdade de expressão/bloqueio de contas através das leis e adicionando às suas ações um caráter ideológico que não existia em c^2 , mas que emerge em c^3 devido à mesclagem daquele com c^1 .

O processo de conexão inter-domínios e de projeções para o espaço-mescla é diverso. Em d^2 , o país de origem do ministro, temos o que Fauconnier e Turner (2002, tradução nossa) apontam a respeito de “[...] um elemento em um *input* sem uma contrapartida na outra é projetado para o espaço-mescla”. Não há uma contraparte minimamente análoga no *Input 1* e, mesmo assim, d^2 fora projetado para a mescla, a fim de compor seu significado emergente do vilão Darth Vader próprio do território brasileiro. A função deste frame no espaço-mescla é restringir e localizar determinada entidade no espaço. Então, quando ativado, d^2 delimitará o produto da mesclagem conceptual, no caso, evocando o cenário pragmático brasileiro para dentro do espaço-mescla.

Uma alternativa ainda mais restritiva é a forma lexical “Darth Vader do STF” identificada em postagens *a posteriori*, que restringe ainda mais a situação conceptualizada ao domínio do qual ela faz parte, o jurídico. Há um modelo cognitivo metonímico nesta alternativa visto que STF (uma parte do sistema judiciário brasileiro) representa o todo (o território nacional).

A metáfora produzida por Elon Musk serviu como um gatilho e inúmeros apoiadores de seus ideais passaram a produzir novas mesclas conceptuais, com propósitos de metaforizar Alexandre de Moraes como vilão, das quais pinçou-se a expressão (2), a seguir:



Figura 4: Tweet de usuário em resposta a Elon Musk
Fonte: X

Na expressão (2), há um percurso de integração similar a (1), em que novamente o *input 1* é ocupado por um vilão — o antagonista da saga *Harry Potter*, Lord Voldemort —, e a

estrutura em comum é fundamentada na experiência visual: na figura 5, entre a^1 e a^2 , subjaz a esse *frame* a ausência de cabelo saliente nos dois indivíduos e suas vestes similares.

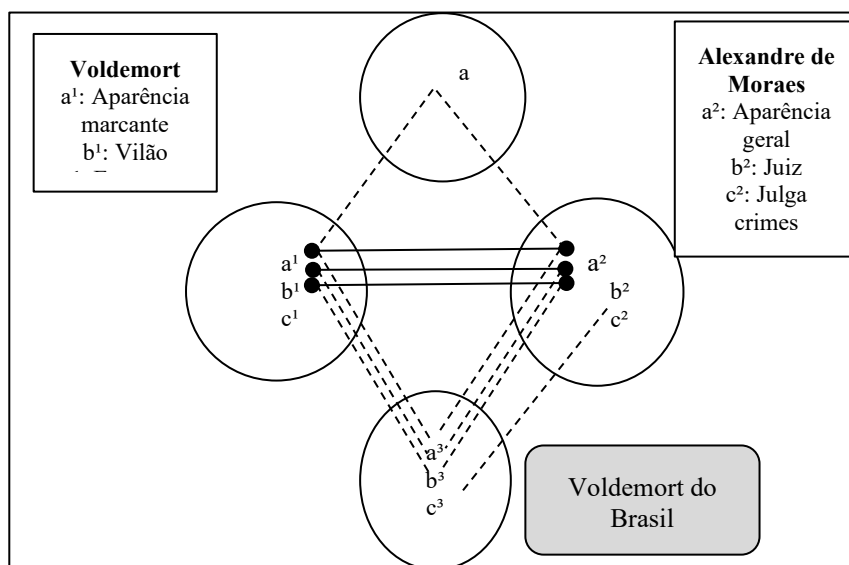


Figura 5: Diagrama da mesclagem conceitual da expressão (2)

Fonte: Elaboração do autor, Fortaleza, 2024.

Este *frame*, inclusive, ativa nosso conhecimento dos valores negativos que a propriedade ausência de cabelo pode assumir contextual e culturalmente. Sendo assim, a conceptualização de Alexandre de Moraes, além de construí-lo como vilão no discurso, o ridiculariza por características fisionômicas.

De maneira similar a (1), b^1 e b^2 da expressão (2) constroem novamente a imagem do juiz como vilão, e c^1 e c^2 produzem uma fusão entre a execução de opositores e o julgamento de crimes, gerando, então, um julgamento de opositores como uma ação amoral no sistema judicial brasileiro. Tanto (1) quanto (2) produzem metáforas que constroem a postura e as ações adotadas pelo ministro Alexandre de Moraes como as de um vilão, ideologicamente motivado. A ideologia em questão não é explicitada, mas, por se tratar de bolsonaristas, direita e extrema-direita na posição do “Nós”, infere-se que constroem a imagem do ministro do STF como um agente de esquerda. As mesmas considerações feitas em (1) a respeito das figuras que ocupam “Nós” e “Eles” são replicáveis em (2).

Novamente, alternativas à expressão (2) como “Voldemort do STF” são encontradas e seguem o modelo metonímico parte-todo de (1). Apreende-se, ainda, a partir das expressões encontradas, a existência de um esquema X de Y em que X é o substantivo do *Input 1* pelo qual

entenderemos metaforicamente o *Input 2* e Y é um substantivo relacionado ao *Input 2* que ancora a metáfora ao contexto em que ela é produzida. As ocorrências aqui expostas compõem uma amostra limitada de usos, mas nos autorizam a refletir sobre a existência desse esquema em contextos pragmático-discursivos de depreciação.

5.2 Elon Musk como herói

Em se tratando de narrativas heróicas, Moraes tem sua imagem bem delineada no âmbito da polarização *Nós versus Eles*. Sua postura e suas ações são entendidas como antidemocráticas por violarem os valores e os ideais de liberdade de expressão irrestrita que o “Nós”, os bolsonaristas, estabelece como ponto de referência, embora sejam estes os valores que ferem o estado democrático de direito. Nas expressões (1) e (2), a dicotomia era focada na vilania do ministro.



Figura 6: Tweet de usuária da rede social constando a imagem editada
Fonte: X

Já na imagem da Figura 6, a dicotomia é focada no heroísmo do bilionário. Por meio de edição de imagem, o rosto de Elon Musk é adicionado ao corpo do super-herói das histórias em quadrinho, *Superman*. Trata-se de um texto não verbal, mas a simbologia do S no peito evoca uma série de conhecimentos construídos ao longo de décadas, “representando

imediatamente a personagem que o trazia no peito e uma série de outros valores que se uniram à sua mitologia, como paz e mais recentemente esperança” (Furtado; Nogueira, 2016, p. 3445). Ao se construir ideologicamente na polarização Nós/Eles (van Dijk, 2006) como “Nós”, os bolsonaristas se consideram vítimas de um sistema judiciário aparelhado ideologicamente e, incapazes de qualquer ação. Eles encontram na figura de Elon Musk um símbolo de esperança e, talvez, de justiça. A figura 7, a seguir, mostra o processo de construção da mesclagem entre Musk e o *Superman*:

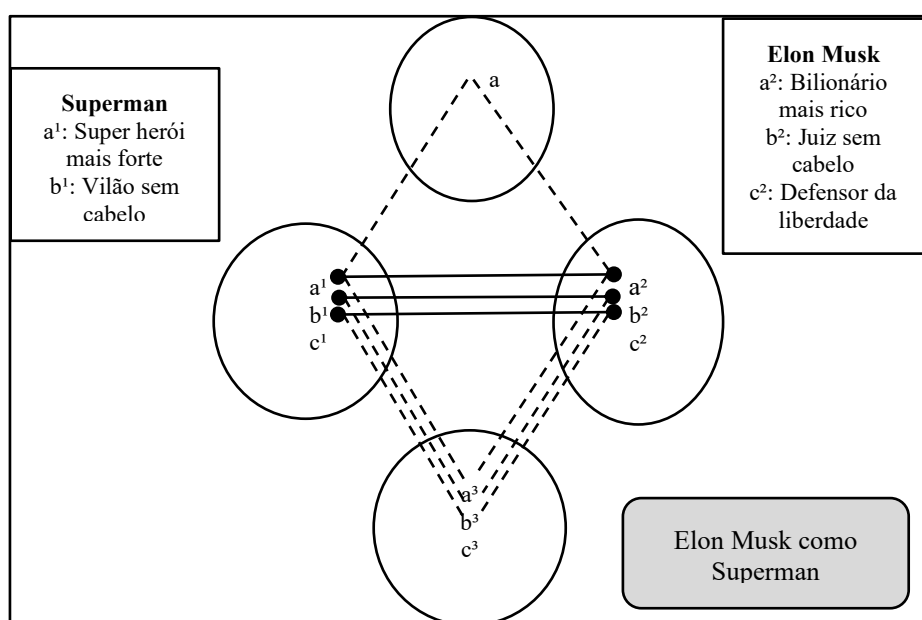


Figura 7: Diagrama da mesclagem conceptual da imagem 1
Fonte: Elaboração do autor, Fortaleza, 2024.

O espaço genérico da figura 7 refere-se ao *status quo* ocupado por ambas as figuras em seus espaços mentais, *status quo* compreendidos espacialmente através de modelos metafóricos como FORTE É PARA CIMA e TER CONTROLE É PARA CIMA, propostos por Lakoff e Johnson (1980). Em a^1 , no universo quadrinesco, *Superman* é popularmente conhecido como o super-herói mais forte do mundo, que usa sua força acima da média para subjugar o mal. Aqui, a metáfora FORTE É PARA CIMA não apenas desenha a imagem de vitorioso de *Superman*, pois aquele mais forte fica por cima em uma batalha, mas também o posiciona no topo da lista de homens mais poderosos do universo dos quadrinhos. De maneira análoga, em a^2 , o homem que ocupa o topo da lista de pessoas mais ricas do mundo, o bilionário Elon Musk,

é aquele que também tem poder de exercer controle ou de interferir no mundo material⁴. Portanto, em a³, temos a compreensão de que a superforça de *Superman* é o dinheiro de Elon Musk. Por esta razão, a metáfora do bilionário como o super-herói parece tensionar constantemente o real e o imaginário, pois, em seus respectivos domínios, seus atributos influenciam diretamente o mundo ao seu redor.

Nas expressões (1) e (2), a presença do vilão implicava em um mocinho/herói inferido contextualmente. O contrário também é verdadeiro: a existência de um herói, materializada na imagem Musk como *Superman*, impele a necessidade de um antagonista. Como Alexandre de Moraes fora diversas vezes construído como vilão valendo-se dos mesmos elementos recorrentes, eventuais integrações conceptuais demandarão menos esforço cognitivo para serem entendidas pelo interlocutor. Na imagem de Musk como *Superman*, esta otimização é o que permite que, mesmo sem edição de imagem, compreendamos que o personagem nocauteado no quadrinho faz referência a Alexandre de Moraes por sua função política/narrativa e sua propriedade física particular. Além disso, a escolha do quadro da imagem (Figura 6) constrói a cena de maneira a declarar um ganhador e um perdedor, além de reforçar ideias comuns “[...] de que o bem pode vencer o mal e que estamos protegidos não apenas pela existência do superherói [sic] imaginário, mas sobretudo pelo ideal que ele representa em nós mesmos” (Furtado; Nogueira, 2016, p. 3451).

Como dito, a metáfora do bilionário como super-herói parece transitar entre o universo dos quadrinhos e da realidade física, principalmente, quando o simbolismo e os ideais envolvidos nesta metáfora são a fusão da esperança que *Superman* representa em c¹ à defesa da liberdade irrestrita que Musk propõe em c². Segundo Lakoff e Johnson (1980), alguns elementos não convenientes para a metáfora são omitidos e, no caso da simbologia em c³, mantém-se o heroísmo e a esperança, mas excluem-se valores pró-democráticos e anti-discriminação do *Superman*. Tem-se, então, no espaço-mescla, Musk como um defensor heróico da liberdade de expressão irrestrita, um símbolo de esperança nesta luta contra a censura à direita/extrema-direita. Estes ideais não estão presentes apenas em Musk, mas também nos usuários e páginas da rede social X que lhe dão suporte, nos bolsonaristas cujas contas foram bloqueadas, nos políticos de direita e extrema-direita que pedem sua intervenção na política interna brasileira.

⁴ Para fins de elucidação, cita-se a ameaça de golpe ao governo boliviano de Evo Morales em julho de 2020 e, mais recentemente, a ameaça de interferência nas eleições brasileiras de 2026, feita por Elon Musk em 16 de novembro de 2024.

Considerações finais

Do exposto, percebe-se que a metáfora, enquanto recurso discursivo, desempenhou um papel estratégico na construção de significações positivas e negativas a respeito da disputa legal entre Elon Musk e Alexandre Moraes, atribuindo majoritariamente valorações negativas ao ministro e positivas ao bilionário. Quanto a estes valores, consegue-se apreender como os interlocutores se posicionam diante da disputa, em especial, os bolsonaristas que se constroem como as vítimas (Nós), cujos valores sociais são violados pelo vilão/ministro (Eles) e que serão salvas pelo herói/bilionário (Nós).

Com relação à estrutura das expressões linguísticas, foi possível depreender dos itens lexicais analisados um esquema recorrente na língua brasileira, X de Y, que se apresentou com bastante potencial discursivo na construção de metáforas em contextos depreciativos como foi o caso de Alexandre de Moraes e as alcunhas Darth Vader do Brasil/Voldemort do Brasil.

Faz-se um adendo sobre a escolha das figuras que preencheram o *Input 1* na representação da mesclagem conceptual e, por conseguinte, preencheram o X do esquema X de Y apreendido. A predominância de personagens da cultura *pop* advindos do cinema e dos quadrinhos neste *input* específico pode estar relacionada a uma otimização do processo de compreensão da metáfora, visto que valores mais simples como bem/mal e herói/vilão são evocados de imediato. Assim, personagens como Voldemort ou Darth Vader são logo vinculados ao mal, logo, na metáfora, o objeto construído a partir desses personagens são rapidamente associados à maldade. O mesmo processo se replica com *Superman* que, uma vez vinculado a Musk, o interlocutor o associa a aspectos heróicos.

Por fim, cabe destacar que algumas questões apontadas aqui ainda estão em aberto, pois são baseadas em uma quantidade limitada de amostras e possibilitaram apenas breves generalizações iniciais. Sendo assim, a produtividade do esquema X de Y em contextos depreciativos, o potencial discursivo de produção de metáforas deste esquema, bem como o uso de figuras da cultura *pop* nas metáforas como alternativa viável para otimizar o processo de compreensão pelos interlocutores merecem atenção em futuros estudos sobre a metáfora e seu papel no discurso.

Referências

- FAUCONNIER, Gilles. *Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language*. United Kingdom: Cambridge University Press, 1994.
- FAUCONNIER, Gilles. *Mappings in thought and language*. United Kingdom: Cambridge University Press, 1997.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.
- FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2018.
- FILLMORE, Charles. Frame semantics. In: GEERAERTS, Dirk (org.) *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.
- FURTADO, Heitor; NOGUEIRA, Daniel. Superman: uma super marca transmidiática. *Blucher Design Proceedings*, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 3442-3451, out., 2016. Disponível em: <https://pdf.blucher.com.br/designproceedings/ped2016/0296.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2024.
- HART, Christopher. *Discourse, grammar and ideology: functional and cognitive perspectives*. New York: Bloomsbury Academic, 2014.
- LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- LANGACKER, Ronald. *Cognitive grammar: a basic introduction*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2008.
- MARINHO, Elyssa; FERRARI, Lilian. Mesclagem conceptual em piadas curtas. *Revista LinguiStica*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 147-160, jun., 2016. DOI: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2016.v12n1a4524>. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/4524>. Acesso em: 10 dez. 2024.
- SOUZA, Renato; GRECCHI, Fabio. A cronologia da queda de braço entre X, Starlink e Moraes. *Correio Braziliense*, [s.l.], 14 set. 2024, 03:55. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2024/09/6942133-a-cronologia-da-queda-de-braco-entre-x-starlink-e-moraes.html>. Acesso em: 22 dez. 2024.
- VAN DIJK, Teun A. Discourse, context and cognition. *Discourse Studies*, London, v. 8, n. 1, p. 159-177, 2006, DOI: <https://doi.org/10.1177/1461445606059565>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1461445606059565>. Acesso em: 20 dez. 2024.
- VEREZA, Solange; VIEIRA, Roberta. Metáfora e referência em nichos metafóricos. In: GOMES, Languisner; FELTES, Heloísa (org.) *Entre mesclas e metáforas: nos labirintos da geração de sentido*. Caxias do Sul: EDUCS, 2012.

Recebido em 08 de janeiro de 2025
Aceito em 01 de junho de 2025